

prosa

Zeel Fontes

APRESENTAÇÃO

Foi lendo e relendo a literatura do José Emmanuel Fontes Pereira, o Zeel, que, não por acaso e para a minha alegria de leitor, fiquei cada vez mais sensibilizado com a sua prosa poética de forte sentimento de revelação. São contos ou crônicas — prefiro chamar de ficções — que, pelo traço inventivo das composições, parecem se recusar a um gênero e se oferecer mais ao fluxo envolvente de palavras movidas pela intuição. Dentre os vários apelos literários, e são muitos, destaco a expressiva vocação para extrair um extraordinário da realidade mais prosaica, simples e até mesmo banal, como se escrever fosse falar por dentro das palavras, sem distanciamento, puríssima comunhão entre vida e ficção.

Jorge Miguel Marinho

Transfer

Pareciam textura de tempo, não sei como dizer. Uma estrutura frágil, atravessável, trespassável pela luz. Mas existente. Uma delicadeza.

Foi quando ele passou a ficar mais silencioso. Mais quieto. Mais sonhador, mais sozinho. Mais diferente.

Estudava no quintal, nessa época. Colocava uma tábua sobre dois tijolos, fazia essa mesinha e estu-

dava. Tentava estudar ciências, estava curtindo ciências, depois que a experiência do ovo cozido deu certo. Pressão atmosférica existe. Tinha começado a ver camadas da atmosfera, e de vez em quando se pegava olhando para o céu, achando graça.

Seu irmão tinha dito que o azul do céu não existe. Era efeito da luz solar nos gases. Ele até entendeu a explicação. Sim, tudo bem, mas olhe pra cima. Poucas vezes seu irmão ficava sem argumento. Dessa vez ficou. Era impossível olhar para o céu e não ver azul. Todas as pessoas viam. Isso era então uma daquelas coisas da ciência que a gente não vê, mas tem que acreditar. No fundo, ele até achava bonito isso da ciência, mas sabia reconhecer o que via. Gostava de deitar de costas no cimento do quintal e olhar o céu. O azul. O prolongamento do azul. O céu sempre indo.

O que aprendia na escola, jogava no ar. Subir no telhado para ver como as coisas são quando olhadas de cima ou de baixo para cima ou de perto e aos poucos. Do que gostava mesmo era do que sentia quando via.

Para o ciclo do ovo, não aquietou até conseguir uma galinha poedeira que também chocasse, pois tinha descoberto que aquelas brancas de granja não serviam. Ninguém levava fé no seu projeto. Construiu galinheiro com madeira descartada de lastro de cama. Galinheiro para a única galinha que ganhou da roça de Gracinha e que por sorte já veio com os ovos galados.

Acompanhou tudo de perto. Comparava o que via às páginas do livro de ciências que foi ficando com a lateral encardida. Não só os 21 dias do choco. Percebeu também o temperamento da galinha. Penas eriçadas, cacarejo prolongado, mais arisca. Trocava ideia com Marquinhos, seu vizinho mais velho, que já tinha criado as bichinhas. A mãe, Lizete, achava graça. Deu tudo certo. No tempo certinho, os pintinhos vieram. Aí acreditaram. De pinto em pinto, Raul, o pai, acabou construindo um galinheiro maior na garagem, com direito a tela e telha, a pedido dele.

Estudava por ali.

Veio o tempo do mimo-do-céu. Implicou com o nome.

Galinhas devolvidas, provavelmente em dobros, para a roça de Gracinha, o pátio podia receber a trepadeira, depois de assentada a terra

preta. Lizete conseguiu umas mudas, mas não era exatamente a que ele queria. A de jasmínzinho branco, igual à da casa de tia Mariquita, mas que ele não sabia o nome. O que sabia é que quando chegava de noite parecia que a gente escutava o cheiro.

Tinha gostado do nome da que Lizete trouxe. Mimo do céu. De modo que correria o risco de não gostar das suas flores. Mas gostou, quando explodiram. De um rosa, rosa mesmo, sem ser rosa choque, que visto de baixo para cima, com aquela mania de olhar o céu, lembrava as luzes da peça que viu pela primeira vez no Teatro Castro Alves. Azul e rosa. Da peça que viu em pé. Parecia fantasia de verdade. Parecia que via uma outra realidade. Viu de pé. Do lado de cá, ver o lado de lá. Ficou tão encantado quando foi ao teatro que não conseguiu sentar.

Até já tinha visto umas gravuras daquelas, de estrutura frágil, atravessável, só que em outro contexto. Quando sua mãe, na escola, em reunião com outras professoras, não podia dar atenção às perguntas que ele queria fazer sobre as figurinhas que via ali. Então não perguntava, mas reparava. Acabava parecendo, pela impossibilidade da pergunta, coisa de trabalho, enfeites de caderno de professora, essas coisas. Coisas de adulto. Coisas que não podia ter. E ainda tinha outra: pensava se aquela pergunta não seria vista como interesse estranho para um menino. Tinha tudo isso.

Onde é que compravam aquelas figurinhas?

Dos galhos do mimo-do-céu, atravessando os cachos com aquela necessidade de se fixarem, vinham filetes verde-claros enroladinhos. Quando não se prendiam deixavam a trepadeira como se pintada a contraluz, onde essas coisas delicadas como um filete enroladinho dão uma graça danada. Parecem fios de cabelo que escapam. Silhuetas. Pensava isso, mas não pensava assim como uma lógica, ia pensando enquanto via. Desenhos de revistinhas de coisas que não existiam. Fantasias.

Um dia, começou a ver nas bancas umas folhas transparentes de figurinhas com textura de tempo. Frágil, atravessável, trespassável pela luz. Eram diferentes daquelas das professoras. Não tinha só rosas, passarinhos, essas coisas. Vinham em temas: Férias na Fazenda, Fundo do Mar, Esportes das Montanhas, coisas assim, muito mais elaboradas, desenhos bem acabados. Reparava isso. Começou a olhar na banquinha, começou a ver nos cadernos dos colegas, na televisão. O Transfer tinha

virado pequena febre. Rápida febre. Tempo suficiente para ele desejar. Quis ter.

Sondou o pai sobre guardar dinheiro da merenda. Raul achou, meio rindo, que não conseguiria. Sondou Lizete e já foi tomando uma chamada: não quero ver ninguém aqui deixando de merendar pra comprar besteira, viu? Ele sem graça.

Estava na quinta série. 1978. Tinha direito a escolher. Já raciocinava: português, geografia, história, ciências, nove em matemática na prova da professora Terezinha. Meteram um medo retado nele, logo no início. Seu irmão tinha sido aluno de Terezinha. Exigente pra caramba. De modo, que, poxa, qual o mal que tem em desejar um Transfer. Aquelas figurinhas transparentes. Que mal fazia? Ele quis ter.

Treze cruzeiros. O médio. Três cruzeiros, todo dia pra merenda. Cinco dias. Mas se der fome? Vou comer só o sonho. Aí serão mais dias. Um dia testou. Conseguiu. Viu que aguentou até a hora do almoço. Guardou. Comprou. Seu irmão descobriu. Falou para a mãe. Lizete questionou, mas de alguma forma, se orgulhou. Não era uma característica dele se organizar para conseguir. Daquilo, ela gostou.

Mas ele estava mais quieto. Mais sonhador. Diferente.

Talvez pela descoberta da palavra ou porque começava a se dar conta de que tinham outros mundos cortando aquele dele tão somente cheio de brincadeiras até, então. Meu pai, o que é punheta? Perguntou, à queima-roupa. Onde você aprendeu isso? Os meninos lá da sala me perguntaram se eu sabia o que era. Fingi que sabia. Fiz assim com a mão porque tinha visto Ricardo responder a Denilson e tinha dado certo. Raul respondeu com voz meio empostada, assim didaticamente, e foi saindo, fingindo que a conversa tinha sido natural. Hummm. É ousadia. Pensou. Devia ser o lado mais avançado da cosquinha que já tinha sentido, mas parava, com medo de ficar sem ar, sei lá, com medo de ir adiante. Daquela fraquezinha que dava nas pernas quando demorava tomando banho. Então era isso, tinha o momento do lado de lá, era para continuar.

Talvez por isso. Esse momento de passagem. Mais quieto. Mais cheio de perguntas. Querendo saber se foi querido, desejado. Saber como foi quando era bebê. Como foi?

Não parava. Lizete dizia. Aquele choro que não parava, tinha que ficar de pé, e não parava, cansava o braço, um outro vinha, tomava, o choro não parava. Irritado, agressivo. Lizete pesquisando o nervoso. Pediatra. Desconcentrado, imaturo. Achava que não ia ler, aprendia. Prestava atenção em tudo. Pediatra não dava jeito. Até que chegou Dr. Fernando. Era esse menino que estava aí fora aprontando? Eletroencefalograma. Neurologista e nada. E mais eletro, eletro, eletro. Dos cinco aos dez anos. E não dava nada. Já ficava até quieto para fazer o eletro. Até que chegou Dr. Franklin. Médico estrangeiro. Disritmia cerebral. Neuleptil, Tegretol. Seis meses. Diagnosticado. Lizete aliviada. Lizete ficou culpada. Lizete foi questionada por um novo neurologista. Seria comum na idade, remédio não justificava. Lizete ficou culpada. Lizete pôs fim à pesquisa. Cresceu assim. De tão assim passaram a dizer que era mediunidade.

Sem fazer alarde, se deu a liberdade de viver o Transfer. Com uma ponta de tensão, é bem verdade, que sempre aparecia quando gostava do que não deveria. Olhava para as gravuras e pareciam feitas para não existir. Pareciam ter textura de tempo, não sei como dizer. Uma estrutura frágil. Atravessável. Uma delicadeza.

Transferiu desenhos miúdos para os cantos das paredes. Queria lembrar o tempo. Esquecer, e lá um dia, assim, bater o olho e voltar. Como data fixada em cimento. Como flor seca em página de livro que a irmã adorava deixar. Ele estava curtindo aquele ano.

A quinta série sem problema. Lizete tinha achado que ele não iria acompanhar. Quase de férias. Quase incluído no universo dos meninos. Aprendendo a gozar. A trepadeira na terra preta. Os cachos rosas explodindo na garagem, filetes de mimo, céu, ciência e aquele medo de sair na rua. De passar pelos que magoavam. Os que não enxergavam transparências trespassáveis. Tinha medo que o magoassem.

Às figurinhas mais especiais, foi dando outros destinos, mas sempre quieto, calado, como para não ser visto. Não quis colocar no caderno. Até pôs uma ou duas, mas sentiu que morreram. Aplicou na Singer de Lizete. Ano engraçado, ela por perto. Costurando pensando em uma confecção, melhorar o orçamento. O de professora não estava dando. Ela ali, ele sendo, por perto. Culpada, aliviada, observando.

Transfer, filete, azul, pressão, ciência, escola, onze anos e já nos olhos a hesitação. Não era imaturidade, mediunidade, punheta, disritmia. Era

medo da palavra delicadeza. Do uso diferente de como gostaria. Terno, trespessável, existente. Figurinha transparente. Quantas vezes, mãe e filho fuzilados, cuspidos, sem o mínimo constrangimento: é menino, Santo Deus? Mas é muito delicado. ■

Zeel Fontes

Cheguei em casa José Emmanuel. Meu irmão, dois anos, achando longo aquele nome, simplificou o registro: Zeel. Meu pai, professor de português atento às palavras e à espontaneidade da fala, captou a sonoridade e lhe deu forma. Sou Zeel, desde lá, desde 1967. Dizem que o nome influencia a pessoa. Não sei se acredito, mas fui criança tão estranha quanto meu nome. Quando eu tinha 11 anos, minha irmã, 15, escreveu poema tocada pela vida difícil de Periperi, subúrbio onde morávamos em Salvador. Minha mãe, sempre muito mais ligada à batalha do dia a dia que aos poemas, ficou tão impressionada com a força da poesia que despertou minha atenção para o espanto da palavra. O poema de minha irmã tirou minha mãe do automático e abriu um pequeno deserto ao seu redor. Como um susto. Mais de 30 anos passados, já formado em Psicologia pela UFBA, morando em São Paulo, depois que os caminhos profissionais até então investidos me afastaram de algum chamado pessoal que eu não sabia exatamente para onde, entrei numa espiral de tristeza e passei a me isolar do mundo em casa, mais especificamente na cozinha de casa. Curiosamente, as memórias começaram a me tomar e quase exigir serem contadas. Foi quando descobri o prazer solitário do ofício do escritor. Escrever dói. Salva.